

A MISSÃO DA BIBLIOTECA PÚBLICA NO BRASIL

ANTONIO MIRANDA

Assessoria de Planejamento Bibliotecá-
rio
Coordenação do Aperfeiçoamento de
Pessoal de Nível Superior (CAPES)
Brasília, DF

Qual seria a missão da biblioteca pública num país de dimensões continentais e de desnivelamentos regionais tão marcantes como o Brasil?

Não pretendemos dar uma resposta definitiva — mesmo porque a biblioteca é um fenômeno histórico em regime de mútua e permanente influência (interação) com o meio-ambiente e também porque toda instituição (apesar dos tecnocratas e dos apologistas da “administração por objetivo) está umbilicalmente ligada àqueles que a organizam, que a fazem viver, que emprestam a ela a marca de sua vontade e de suas personalidades. A biblioteca é, por conseguinte, uma célula viva, única. Nenhuma biblioteca é igual a outra. Conseqüentemente, objetivos gerais acabam por ajustar-se às possibilidades e necessidades específicas de cada biblioteca. Longe de constituir-se numa desvantagem, esta é a essência mesma de qualquer instituição democrática: a de ajustar-se a um plano diretor ou a um sistema geral sem perder de vista os seus próprios objetivos, sem renunciar a satisfazer as necessidades peculiares de seus próprios usuários.

Não podendo nem pretendendo indicar leis que governem os destinos de nossas bibliotecas, contentar-nos-emos com sugerir algumas idéias que consubstanciem uma política geral ou a formulação de objetivos maiores para as nossas bibliotecas públicas.

Sabemos de memória algumas definições clássicas do que seja uma biblioteca ideal. André Malraux escreveu inspiradamente sobre a vocação civilizadora das bibliotecas e a Unesco divulgou princípios universais para as bibliotecas públicas. Ninguém deve desconhecer tais autoridades. No entanto, as definições clássicas que conhecemos resultam abrangentes demais, países que foram desenhadas para uma realidade mais própria do que a nossa, figuram, em tanto pretensiosas, quanto confrontadas com a atmosfera pobre, subdesenvolvida e tímida de nossas pequenas e mal aparelhadas bibliotecas municipais. Tão pobres e desprezadas de tudo que apenas sobrevivem pela abnegação e o destemor de uns quantos iluminados ou, na maioria dos casos, adormecem como depósitos perdidos, com livros mortos nas estantes por falta de mãos hábeis para dinamizá-los. O mais das vezes, as nossas bibliotecas públicas devotam-se acanhadamente à missão supletiva das bibliotecas escolares.

Alguns bibliotecários continuam sonhando – por um ingênuo desejo de **status** e prestígio institucional – com leitores eruditos e bem vestidos, quando deveriam rejubilar-se com a visita acanhada do lavrador maltrapilho querendo saber os segredos da cultura do milho ou com a ama de casa humilde que indaga sobre princípios de puericultura.

A ideologia que motiva as nossas bibliotecas é tipicamente da classe média – a mesma dos nossos bibliotecários – e a cultura que elas pretendem divulgar está mais para os valores universais e perenes (**sic**) do que para o reconhecimento de nossa própria cultura emergente, do nosso folclore e artes populares. A biblioteca parece querer, muitas vezes, **impor** um modelo de cultura estranho ao próprio **habitat** (portanto, alienadamente), em vez de hastear-se na dinâmica mesma dos valores culturais em germinação na comunidade. Talvez por esta razão a biblioteca ainda tem pouco peso e importância na vida cultural de nossos municípios.

Seja como for, estamos assistindo ao surgimento de salões de leitura e de bibliotecas por todo o Brasil graças à ação paciente e experimentada do Instituto Nacional do Livro (INL) e à iniciativa de governadores, prefeitos e personalidades ligadas à vida de nossos municípios. Já são mais de dois mil municípios participando de convênios com o INL e, ainda que num ritmo lento, parece seguro esse crescimento.

Que objetivos vão cumprir estes milhares de bibliotecas públicas municipais? Dispersas nos diferentes contextos sócio-culturais e econômicos das mais dissímeis regiões brasileiras, numa gama diferencial imensa de características ditadas pelas disponibilidades locais, é provável até que elas inspirem termos de **gradualismo** na aplicação de quaisquer princípios, metas e objetivos gerais. Ao mesmo tempo, tal gradualismo não tomaria em conta apenas a seqüência no tempo (planos a curto, médio e longo prazos) mas também a geografia (as regiões menos favorecidas demandando atenções especiais, a existência ou inexistência de uma infra-estrutura, etc.) e, sobretudo, as aspirações legítimas de cada caso. Em linhas gerais os objetivos que ins-

pirariam a missão das bibliotecas públicas seriam os seguintes:

1. **Promover o idioma nacional.** O apoio decisivo ao livro nacional e à sua difusão para que o público brasileiro, de todas as idades e níveis sociais, possa enriquecer-se compartilhando (pela leitura ou qualquer outra forma de comunicação) o acervo cultural de seu país: os clássicos da língua, os autores modernos, os filósofos, os historiadores e os técnicos nas diversas especialidades, os poetas, os dramaturgos, os músicos e todos os demais criadores nacionais, assim como as traduções de que melhor se produz no exterior. O livro (fundamentalmente) e os meios áudio-visuals (diapositivos, discos, mapas, objetos educacionais) dariam ao usuário da biblioteca o acesso ao acervo produzido pela inteligência nacional ou pela experiência estrangeira, para que ele, mediante o que se convencionou chamar de atualização permanente de conhecimentos, possa encontrar meios para enfrentar o tremendo processo de transformação que vive a nossa sociedade e o mundo ao nosso redor, assim como para resistir às pressões “bitolantes” e alienantes criadas pelos meios de comunicação de massa e a sociedade de consumo, moldados em figurinos quase sempre estranhos a nossa própria realidade nacional.

Se o subdesenvolvimento é causado pela falta de informação – país rico é aquele que gerou ou absorveu a informação que necessitava para o próprio desenvolvimento e dedica parte desses conhecimentos para a exportação e a manutenção de seus privilégios -- e se aceitamos o fato de que o homem está cada vez mais só na multidão, a biblioteca daria ao **indivíduo** a oportunidade de se informar, de se instruir, e de se distrair. Como toda regra tem a sua exceção, as minorias étnicas mereceriam atenção fornecendo-se-lhes também livros nos idiomas de seu domínio, sempre e quando houver o desejo expresso dos interessados e os meios para atendê-los.

Num país ameaçado de perder a sua habilidade de falar o idioma pátrio por culpa do baixo nível de ensino (consequência de sua inevitável massificação) e de outros fatores que não vêm ao caso discutir aqui, a **promoção da boa leitura** bem poderia converter-se numa arma contra a descaracterização de nosso idioma e de nossa cultura pela invasão de produtos estrangeiros “enlatados” para consumo fácil.

Vista desta perspectiva, a biblioteca pública converte-se em veículo de **integração nacional** e a leitura, um forte instrumento para a nossa independência cultural.

2. **Fornecer publicações oficiais** para que os cidadãos possam informar-se sobre leis, instituições e serviços que afetam a sua própria vida. Longe de converter-se num fator de “dirigismo” nos moldes dos países totalitários, daria ao indivíduo o conhecimento de seus deveres e direitos, das oportunidades que existem para ele, dos meios pelos quais ele pode desenvolver-se para progresso próprio, da família e do país. Todo plano nacional de desenvolvimento é um plano diretor que pretende moldar a ação de todos e de cada um, e cabe a cada um conhecer as opções que se lhes oferecem e os meios à disposição para participar do esforço nacional de desen-

volvimento e de influir no aperfeiçoamento e adequação permanente do próprio PND e similares.

Na verdade, o usuário tem o direito de encontrar na biblioteca local os textos de leis, decretos e toda informação pertinente que possa interessar-lhe como cidadão. Afinal, a biblioteca pública municipal é um serviço público, financiado pelos cofres públicos mediante o pagamento de impostos; deve, portanto, constituir-se num centro de informação útil para a localidade. Tanto pode incluir o calendário das épocas propícias para o plantio na região, as regras oficiais de futebol, os folhetos que explicam o serviço militar obrigatório e as datas de convocação, quanto os horários de ônibus e trens locais e as oportunidades de ensino na sua região. Não se trata, nem de longe, de incumbir o bibliotecário da pueril missão de tomar-se um agente de informação mastigada e pré-fabricada, aprendida de memória e ministrada impessoalmente no velho estilo burocrático, mas de indicar os catálogos, obras de referência e outras fontes onde o leitor, por si mesmo, possa informar-se. Trata-se de atender o leitor como um indivíduo, autônomo, independente, e de educá-lo na arte de informar-se.

Se a biblioteca for útil, ela será estimada, apoiada e prestigiada. Se, ao contrário, ela for um OVNI ou uma *avis rara* alienada dos interesses locais, existir ou não existir não fará a menor diferença para o cidadão comum e, como já dizia o velho Ortega y Gasset, a sociedade pune com o esquecimento e o abandono os que não a servem devidamente...

3. Fornecer livros e outros materiais para o estudante engajado em tarefas escolares formalizadas, ou para o autodidata. Num país onde os livros são caros, (se tomarmos em conta o nosso poder aquisitivo), onde a produção de livros é ainda limitadíssima, e onde o número de livrarias é insignificante, e sobretudo onde praticamente inexitem as bibliotecas escolares e infantis, a biblioteca pública tem que se preocupar com o problema do acesso ao livro e à informação.

Se a educação é a base sólida para o desenvolvimento massificador, precário e superficial, só a biblioteca pública pode dar ao estudante a oportunidade de ampliar os seus estudos, de aprofundar os seus conhecimentos e, acima de tudo, de tornar mais individual, esclarecido e frutífero o processo compulsório de socialização do estudante e do indivíduo, processo que pouco vem promovendo a inteligência e a criatividade do aluno e do homem brasileiro.

4. Apoiar companhas de alfabetização e fornecer livros adequados aos neo-alfabetizados. Num país onde nem todos ainda adquiriram o **direito universal de ler** (que amplia a sua liberdade pessoal), cada não-leitor (analfabeto ou alfabetizado) deve ser a preocupação fundamental da biblioteca.

O Mobral e as bibliotecas públicas municipais podem e devem ser instituições complementares. As mobraltecas devem constituir-se em seções permanentes das bibliotecas públicas, e livros apropriados para esses novos leitores podem ser analisados e listados convenientemente e postos ao seu alcance.

A biblioteca pública deveria considerar que a sua missão só estaria sendo cabalmente cumprida no dia em que o neo-alfabetizado pudesse passar espontaneamente da coleção especial para a leitura desembaraçada dos livros do acervo geral.

5. Ser depositária do acervo da inteligência e da história local. A biblioteca deve dedicar-se à obtenção das obras que representam a cultura e a história do município, solicitando ou comprando livros e folhetos de autores eruditos e populares do lugar. Onde as condições forem propícias, a biblioteca deverá ser mais abrangente em seu trabalho de pesquisa, colecionando os jornais e revistas da localidade; ou os recortes de jornais de fora que abordem temas locais; reunindo cartões postais de épocas distintas; fotografando ela mesma os monumentos e edifícios de valor que estejam ameaçados de desaparecimento pelo progresso ou pela falta de visão das autoridades; gravando o testemunho de personalidades ou os eventos culturais e folclóricos mais representativos. Esta coleção, quando existente, deveria ser a única a ser devidamente preservada para as gerações futuras, exigindo um controle mais rigoroso, sem, contudo, imobilizar o seu acervo.

6. Fornecer serviços de informação técnica e comercial às firmas locais, às novas e futuras indústrias, bem como sobre as oportunidades para o turismo. Poucas bibliotecas públicas brasileiras já chegaram ao nível de desenvolvimento como para oferecer serviços tão sofisticados e complexos. De qualquer maneira, nas capitais estaduais e nos municípios mais industrializados, a biblioteca poderia reunir informações cadastrais, impressas, etc. sobre as firmas locais para o grande público e servir também de meio para as firmas obterem informações que elas necessitem (informações de mercado, aquisição de fotocópias de artigos por empréstimo interbibliotecário ou das agências especializadas nacionais e estrangeiras, cópias de patentes, etc.), naturalmente cobrando por esses serviços.

Sem pretender rivalizar com as agências de turismo ou com serviços especializados em informação turística, a biblioteca pode colocar à disposição dos usuários folhetos e guias sobre as oportunidades de recreação e lazer existentes na área.

Sobretudo, a biblioteca deve afixar, em local bem visível, informações de utilidade para os municípios: notícias sobre cursos e conferências; cartazes anunciando peças de teatro, **shows**, competições esportivas, festas religiosas ou típicas, etc.

Na batalha para atrair os leitores, a imaginação deve voar sem limites. Das bibliotecas públicas já se disse que elas podem fazer de tudo, desde promover a leitura até servir de consultório sentimental. Elas podem oferecer uma receita de cozinha com a mesma seriedade e dignidade com que oferece um curso sobre a bissexualidade

de alguns animais exóticos; pode emprestar “multimeios educacionais” como alugar reproduções de obras de arte; fazer campanhas para a arrecadação de livros como também vender revistas culturais e cartazes de significação cultural. Ou organizar aulas para alunos atrasados nos estudos, ou ceder suas salas para as classes de alfabetização de adultos. A biblioteca pode oferecer toda espécie de serviços sem, porém, desvirtuar sua missão fundamental de promover o gosto da boa leitura. Todas as atividades que ela organize devem servir para atrair e conquistar o leitor para tal missão.

Afinal, o que não se justificá são as salas de leitura vazias e a baixa rotatividade dos livros nas estantes. É bem certo que poucas bibliotecas terão condições, a curto prazo, de constituir-se em autênticos **complexos culturais** como seria desejável (englobando salões de exposições, cineclubes e até museus). Também é certo que o trabalho de organização e rotina demanda um tempo considerável do bibliotecário mas, na medida em que ele puder abreviar e simplificar essas tarefas-meio (a catalogação, a organização dos catálogos, os procedimentos de empréstimo, etc.) tanto mais tempo poderá dedicar ao essencial e realmente importante que é a atenção ao usuário, à movimentação do acervo. Como bem resumiu o próprio INL, “os livros são para ler”.

Seja como for, cada biblioteca — mesmo que participando de autênticos sistemas integrados — deve moldar-se às necessidades do município segundo os meios ao seu alcance, e nem mesmo os argumentos da centralização de atividades recomendada pela “organização em rede” (a qual exige obediência à padronização e normalização de serviços e dos processos técnicos) devem inibir as iniciativas dos bibliotecários ou dos encarregados das bibliotecas. E uma biblioteca ou tem a sua personalidade própria ou passa despercebida, desaparece no anonimato ou na mediocridade de todas as rotinas sem convicção e sem alma. E esta, sim, **não** é a missão da biblioteca, mas parece, infelizmente, ser a imagem que dela faz o nosso público por culpa, talvez, da própria biblioteca que não soube “vender o seu produto”, que não soube elevar a sua imagem. Esta impressão infeliz e destorcida do que seja uma biblioteca (que todos nós lamentamos que persista, mas que pouco fazemos por modificá-la) é criada sobretudo pelos comentários daqueles que nunca ultrapassaram os umbrais de sua biblioteca pública municipal, por falta de incentivo para fazê-lo ou porque, havendo-a visitado, não encontrou nela a atmosfera de entusiasmo e hospitalidade, de boa vontade e de calor humano capazes de vencer todas as barreiras e de dar ao leitor a sensação de que ele é parte da instituição, que ele é desejado ali e que, se não é melhor servido, é porque os recursos não permitem. E se o leitor não se torna um amigo e um aliado da biblioteca, então como esperar que ele ame, use, defenda e preserve as coleções de sua biblioteca?

Os princípios que deveriam consubstanciar a missão da biblioteca pública, como elemento de integração nacional no Brasil, são: 1) promover o idioma nacional e a indústria editorial; 2) fornecer publicações oficiais para informar aos cidadãos sobre sua participação em programas de governo (incluindo o PND); 3) fornecer livros e outros materiais para o estudante (e o autodidata); 4) apoiar campanhas de alfabetização e fornecer livros adequados aos neo-alfabetizados; 5) ser depositária do acervo da inteligência e da história do município ou região; 6) prestar serviços de informação técnica, comercial e turística às firmas locais e aos cidadãos. Tais objetivos e metas seriam gradualmente atingidos segundo disponibilidades locais e cada biblioteca, mesmo sendo parte de um sistema, determinaria a sua própria política.

ABSTRACT

The mission of the public library in Brazil

The principles that should consubstantiate the mission of the public library as an element for "national integration in Brazil are: 1) promotion of the national language and publishing; 2) provision of government publications to inform the citizens about programmes that affect them directly, including the National Development Plan; 3) provision of books and other materials for students in general and for the sake of self-education; 4) collaboration with the literacy campaigns and the provision of adequate materials to the new readers; 5) collection of all materials concerning local history and culture; 6) provision of technical and commercial information to firms and people demanding it, including leisure and touristic facilities in the area. These objectives and goals should be reached gradually, according to local conditions and each library – even being part of a system or network – should determine its own policy.

